

[Os dois irmãos]

→ **Classificação:**

- Classificado segundo o sistema internacional de Aarne-Thompson: ATU 1775 *O Padre Esfomeado*. [Nas versões portuguesas os protagonistas nunca são padres].
- Classificação: Paulo Correia (CEAO/ Universidade do Algarve) em Julho de 2007.

→ **Assunto:** Dois irmãos ceiam e pernoitam na casa de um moleiro com o intuito de pedir a sua filha em casamento. A noite revela-se, no entanto, atribulada e quem sofre com os mal-entendidos é a dona da casa...

→ **Palavras-chave:** agua, abóbora, açude, Alentejo, alforge, Brotas, bufa, cabreiro, cântaro, ceia, colher, cu, estudante, filha, fome, gaveta, Évora, irmão, moleiro, mora, papas, quarto, sede, trigo

→ **Região:**

- **Distrito:** Évora
- **Concelho:** Mora
- **Localidade:** Brotas

→ **Contador:**

- **Nome:** José Manuel
- **Data de nascimento:** 1920
- **Residência:** Brotas.

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** José Barbieri
- **Data de Recolha:** Junho de 2007
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Duração:** 5:52:00 minutos

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Maria de Lurdes Sousa
- **Data de Transcrição:** Outubro de 2007
- **Palavras:** 856

→ **Versão literária:**

- **Execução:** Maria de Lurdes Sousa
- **Data de execução:** Março de 2010
- **Palavras:** 742

[Os dois irmãos]

«E também sei outra do, do moleiro(1). Era um moleiro...

Também eram, eram dois irmãos: um era estudante e o outro era um charragáz(2) qualquer... E atão(3) aquele que era charragáz andava sempre com um alforge(4) às costas, *fazia colheres de pau*(5) e coisa, andava sempre com um alforge às costas a fazer aquelas engenhocas.

Um belo dia diz para o irmão que era estudante:

[Cabreiro:] – *Ó irmão! Queres ir lá a casa do moleiro pedir a filha do moleiro em casamento?!*

[Estudante:] – *Ah! Vamos agora pedir a filha!*

[Cabreiro:] – *Vamos! Pedir a filha em casamento pra ver se... Que eu também quero casar!*

[Estudante:] – *Bom, tá bem!*

Bom, aquele que era estudante todo bem-posto(6), todo preparado, e o outro com o alforge às costas... Chegaram lá a casa do moleiro, lá trataram de... Ceia(7) – nesse tempo era ceia na' era jantar, era ceia. Trataram de ceia, que era prò depois, no fim, terem a conversa de pedir a filha em casamento.

Bom, a primeira coisa que o charragáz fez... Prantaram(8) uma colher... Do que é que havia de ser pà, pà ceia? Umas papas – umas *papas de farinha de trigo*(9) – era[m] para a ceia. E diz-lhe o... Prantaram uma colher a cada um. Aquele que era charragáz (e), mete a mão ao alforge puxa de uma colher de pau e aventou(10) logo a colher pra cima, a colher (de) que era lá de casa do moleiro para cima da mesa e puxa da colher de pau e, com a colher de pau é que era *malhar as papas*(11)... Bom, o outro, coitadito, que era todo estudante cheio de vergonha já daquilo. Bom, cheio de vergonha e atão trataram de... Lá foram e tal, lá passaram (n)o serão e atão sobrou um prato de papas. Sobrou um prato de papas e a mulher lá do moleiro meteu-as lá numa gaveta.

Bom, foram-se deitar. Foram-se deitar, lá às tantas da noite, começa aquele que era charragáz a dizer prò, prò irmão:

[Cabreiro:] – *Ó irmão! Tenho fome! – Aquilo... A ceia tinha sido valente! Eram umas papas!*
– *Tenho fome!*

[Estudante:] – *Ó pá! Cala-te homem! Eu já estou cheio de vergonha de ti!*

[Cabreiro:] – *Mas eu tenho fome!*

[Estudante:] – *Olha, tens fome vai lá onde a velha deixou as papas. Lá dentro da gaveta e trá-las e come-as!*

Bom, aquilo a casa do moleiro era assim uma parede e tinha três portas: tinha uma que era onde eles ‘tavam deitados, tinha outra que era o quarto da filha e tinha a outra onde ‘tava[m] o moleiro mais a mulher.

Bom, o gajo vinha com as papas na mão (chegou lá já nem trouxe o prato! Aquilo ‘tavam já frias, prantou-as em cima da mão e vinha a comer mesmo de cima da mão), no lugar de entrar prò quarto dele, entrou prò quarto da velha e do velho! Onde estava[m] o moleiro mais a mulher! Olhou pò quarto, ‘tava a mulher do moleiro co rabo de fora das mantas e o gajo⁽¹²⁾ começa a andar de roda do cu⁽¹³⁾ da mulher e dizia-lhe até assim:

[Cabreiro:] – *Ó irmão! Queres papas?*

E a velha abanou, fazia – pffffff! – dava uma bufa! E dizia-lhe o charragáz assim:

– *É pá! N’ assopres que elas ‘tão frias, homem! Come papas, homem! Isso sim!*

Até que o gajo zanga-se – *truz!* – com as papas no cu da velha! E abalou⁽¹⁴⁾ porta afora. Foi pò quarto onde ‘tava o irmão.

Daqui a bocadinho começa a dizer pò irmão:

– *Ó irmão, eu tenho sede!*

[Estudante:] – *Eh! *Raios ta partam*⁽¹⁵⁾! Cala-te, homem!*

[Cabreiro:] – *Tenho sede, homem! Quero beber água!*

E atão o velho ‘tava a dormir, estende a mão por cima do cu da velha e achou a velha toda cheia de papas e diz-lhe assim:

[Moleiro:] – *Eh, mulher! ‘Tás toda cagada! As papas fizeram-te mal! ‘Tás toda esborteada⁽¹⁶⁾! Vai-te lavar lá pò açude⁽¹⁷⁾! – Aquilo tinha o açude que era onde o moinho trabalhava. – Vai-te lavar lá pò açude!*

Bom, a velha lá levantou-se. Foi pò açude ali co rabo de fora a rebaixar-se, ali no açude...

Cá o charragáz começa a dizer pò irmão que tinha sede... Diz-lhe o irmão assim:

– *Olha! Vai lá aos cântaros e bebe água e foge por aquela porta, que eu fugo já aqui por esta!*

Bom, o cabreiro chega lá – o cabreiro ou o charragáz – mete a mão dentro do cântaro pra ver se ele tinha água, ó'pois já não era capaz de tirar a mão! Já não era capaz de tirar a mão, abala com o cântaro na mão direito ao açude.

Chega lá, 'tava a velha a lavar o rabo no açude. O cabreiro chega lá, pensava que aquilo, que aquilo que era uma pedra – *truz!* – com o cântaro no cu da velha! A velha – *trás!* – pra dentro do açude!

Bom, (o cabreiro) o moleiro cá já há muito tempo que na' aparecia a velha... Chega lá ao açude andava a velha co rabo prò ar! Diz o moleiro assim:

[Moleiro:] – *Eh pá! Na' sei se é uma abóbora, se é o cu da 'nha mulher!*

Pronto! Acabou-se a história!»

José Manuel, 87 anos, Brotas, (conc. Mora), Junho 2007.

Glossário:

- (1) **Moleiro:** Dono de moinho ou azenha que trabalha na conversão de cereais em farinha.
- (2) **Charragáz:** cabreiro.
- (3) **Atão:** regionalismo de Portugal, de uso informal e coloquial, que significa “então”.
- (4) **Alforge:** espécie de saco fechado nas extremidades e aberto ao meio, formando dois compartimentos, que se traz ao ombro ou sobre a montada.
- (5) **Fazia colheres de pau:** o pastor Alentejano, por vezes, ocupava o tempo que lhe sobrava de guardar o gado a fazer trabalhos em madeira, em cortiça ou em chifre, no caso, a personagem fazia colheres de pau.
- (6) **Bem-posto:** bem vestido.
- (7) **Ceia:** antigamente as principais refeições do dia eram a) o chamado “mata-bicho” tomado entre as 6 e as 7 da manhã; b) o almoço entre as 8 horas e as 10 horas; c) o jantar: tomado normalmente pelas 12 horas; d) poderia haver a merenda por volta das 16 horas; e, por último, e) a ceia: tomada entre as 19 horas e as 20 horas.
- (8) **Prantaram:** meteram; puseram.
- (9) **Papas de farinha de trigo:** prato confeccionado com farinha de trigo, sal e açúcar dissolvidos em leite e água ferventes e mexidos continuamente até a mistura resultante ficar grossa e cozida.
- (10) **Aventou:** atirou.
- (11) **Malhar as papas:** bater, remexer as papas.
- (12) **Gajo:** expressão coloquial para designa um indivíduo.
- (13) **Cu:** regionalismo de Portugal e do Brasil para designar o ânus; palavrão ligado ao metabolismo do corpo.

(14) **Abalou:** saiu, foi-se embora.

(15) **Raios ta partam!** = Raios te partam – frase feita que, no caso, é usada para expressar a irritação de um dos irmãos, como se estivesse a desejar mal ao outro.

(16) **Esborteada:** cagada; suja.

(17) **Açude:** construção feita no rio para desviar a água para o moinho.

Para execução deste glossário consultaram-se os websites, dicionários e monografias: <http://www.priberam.pt>; <http://www.infopedia.pt>; <http://www.ciberduvidas.com>; <http://www.anjef.com/identidadecultural02.htm>; <http://jardimdeurtigas.blogspot.com/2009/03/dicionario-alentejano-portugues-b.html>; <http://www.accessv.com/~carlos/receitas.htm>; <http://ciberduvidas.sapo.pt/pergunta.php?id=27322>; <http://acll.home.sapo.pt/portugues.html>; <http://maneliticaracol.blogspot.com/2006/08/outras-palavras-para-cagar.html>; <http://historiaselendas.no.sapo.pt/paginas/falar.htm>; SOUSA, Acácio de; SOUSA, Gentil Ferreira, CARDOSO, Orlando. (1990). Leiria – O Fascínio da Cidade. s. editor, s.ed. Leiria; b) SOUSA, José Ribeiro de. (2003/2004). Cancioneiro De Entre Mar e Serra da Alta Estremadura. 1ª. Edição. Leiria: Câmara Municipal de Leiria; Simões, de Guilherme Augusto. (2000). Dicionário de Expressões Populares Portuguesas. 2ª. Edição, Dicionários D. Quixote; 34. Lisboa: Publicações D. Quixote.